

Circuitos Juvenis de Lazer: Um estudo sobre tempos e espaços de lazer de rapazes e raparigas no Centro Histórico do Porto

Marta Vale¹, Sofia Marques da Silva²

Resumo: Os quotidianos juvenis são marcados por períodos de tempos livre e atravessados por sociabilidades juvenis e práticas de lazer. No entanto, estes períodos de tempo livre não são ilimitados, uma vez que existem outros tempos, também juvenis, que acabam por influenciar os tempos livres e de lazer, e são marcados por relações de poder e questões de género. Este artigo dá conta de um estudo de carácter etnográfico sobre quotidianos juvenis na Zona Histórica do Porto, mostrando como os/as jovens circulam e constroem partes das suas vidas em diferentes espaços. É na medida em que atribuem sentidos e significados a esses espaços, enquanto espaços de lazer que é possível falar-se em circuitos juvenis de lazer. O espaço escolar, os espaços públicos locais e o espaço doméstico integram os diferentes circuitos juvenis. No entanto, o modo como se organizam e o lugar que ocupam enquanto espaços de lazer nas diferentes vidas de rapazes e raparigas não é o mesmo em todos os circuitos.

Palavras-Chave: Educação, Tempos Juvenis, Lazer, Juventudes.

INTRODUÇÃO

Os tempos de lazer marcam presença em todo o ciclo da vida, contudo, não se pode afirmar que os sentidos e as interpretações que os sujeitos atribuem ao lazer se mantenham ao longo das diferentes etapas vivenciais, assim como as suas práticas, atividades, espaços e circuitos de lazer. O lazer supõe, então, a existência de um tempo livre que, segundo diferentes autores [1; 2], é maior durante a juventude do que em outras fases da vida. Embora o tempo livre e, consequentemente, o tempo de lazer sejam uma “fonte de diversão, entretenimento, descontração e sociabilidade” [3: 175], a quantidade dos mesmos não é igual para todos/as os/as jovens assim como é qualitativamente vivida de forma diferente por cada um deles/as. Assim, existem tempos de lazer (diferenciados) que, por sua vez, subentendem espaços de lazer diversos.

¹ Concluiu o seu mestrado em Ciências da Educação, domínio de Educação e Lazer no ano letivo de 2008/2009, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e encontra-se atualmente a trabalhar como técnica superior em Ciências da Educação na Escola Básica de Miragaia. martavale20@gmail.com

² Sofia Marques da Silva é professora associada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e membro integrado do CIEE. sofiamsilva@fpce.up.pt

Tempos, espaços e lazer são conceitos que não podem ser apresentados de forma dissociada e/ou independente. As práticas e atividades de lazer supõem um determinado tempo (livre) podendo se inscrever em diferentes espaços sociais por onde os sujeitos circulam cotidiana e/ou pontualmente sendo entre e através destes que os/as jovens constroem os seus circuitos juvenis.

Com a investigação realizada pretendeu-se centrar o olhar no lazer juvenil e, conseqüentemente, nos circuitos juvenis de lazer que se foram desenhando à medida que a investigação decorria. No entanto, as questões relacionadas com a escola e com as diferenças de género acabaram por surgir, tendo sido importantes para uma melhor compreensão dos circuitos juvenis de lazer.

Através deste artigo pretende-se centrar a atenção nos circuitos juvenis de lazer, nos espaços que os integram e no estatuto que os mesmos assumem enquanto espaços de lazer. Primeiramente, a atenção será focada na discussão de alguns conceitos que foram centrais e, posteriormente, nas opções metodológicas que foram sendo tomadas com o decorrer da investigação. Por fim, centrar-se-á a atenção na importância que os diferentes espaços assumem enquanto espaços de lazer assim como nas vivências e práticas de lazer que atravessam esses mesmos espaços.

TEMPOS LIVRES E LAZER: CLARIFICAÇÃO DE CONCEITOS E SUA RELAÇÃO COM OS TEMPOS JUVENIS

O tempo livre juvenil é uma dimensão importante para o nosso trabalho pois é no âmbito deste que os/s jovens constroem os seus circuitos de lazer marcados por práticas juvenis diversificadas em espaços, também eles, diversificados [2; 4]. No entanto, o tempo livre nem sempre foi reconhecido enquanto tempo social, pois a “estrutura dos tempos sociais se organiza em torno de um tempo dominante que estrutura e polariza todos os tempos sociais em torno da sua própria estrutura” [5: 124].

Na Modernidade, o tempo do trabalho tornou-se o tempo social dominante numa sociedade que se caracterizava por uma nova forma de produção, de organização social e de modos de vida [6], sendo que o tempo de não trabalho era apenas o necessário para recuperar as energias despendidas. Com a alteração dos modos de produção, que permitiram produzir mais em menos tempo [5], o tempo de trabalho deixou de ocupar grande parte do dia e todos os dias da semana, havendo, assim, um aumento de tempo liberto do trabalho. No entanto, neste tempo liberto do trabalho existiam outras obrigações (obrigações familiares e religiosas, etc) que impediam os sujeitos de usá-lo “com total liberdade e de maneira criativa” [7: 482] não se podendo, assim, considerar que todo o tempo liberto de trabalho é tempo livre. Estas reflexões em torno do tempo permitem equacionar o modo como os tempos juvenis se organizam nos vários contextos das suas vidas.

Tal como todo o tempo de não-trabalho pode ser considerado tempo livre, também sucede o mesmo com o tempo não escolar. O tempo não escolar não é um tempo totalmente

livre onde os/as jovens se podem dedicar livremente ao divertimento, ao convívio e/ou descanso, uma vez que estes/as têm obrigações e ocupações ao nível familiar e fisiológico que acabam por condicionar os seus tempos livres [8]. Assim, os tempos juvenis acabam por oscilar entre tempos de maior obrigatoriedade e menor disponibilidade pessoal (tempo escolar e tempos dedicados às necessidades fisiológicas e às ocupações familiares) e tempos de menor obrigatoriedade e maior disponibilidade pessoal como os tempos livres e de lazer [8].

Os quotidianos juvenis acabam por se caracterizar por períodos de tempo livre, onde o lazer é caracterizado como “um lugar de autonomia, onde os[as] jovens encontram variadas oportunidades de expressão e de auto-realização juvenil propiciadas pela redução do controlo social a que estão sujeitos[as] quotidianamente” [9: 155].

Apesar de serem conceitos semanticamente relacionados, tempo livre e lazer, não podem ser entendidos nem definidos como sinónimos pois corre-se o risco de perderem o sentido inerente aos mesmos [10]. Enquanto o tempo livre “tem como referência a existência de uma determinada quantidade de tempo (...) constituindo-se como uma oportunidade para o exercício da expressão e da liberdade pessoal” [10: 136], o lazer está relacionado com práticas e atividades, neste caso juvenis, que têm como fim o descanso, o divertimento, o entretenimento, o convívio, etc [11]. O facto de existir um tempo livre não quer dizer que este seja preenchido totalmente por atividades e práticas de lazer mas também por outras atividades que embora resultem da expressão e liberdade pessoais não visam o descanso, o entretenimento ou o convívio. Os/as jovens atribuem sentidos diferentes as mesmas atividades, logo, enquanto para uns/as podem ser atividades de lazer para outros/as podem ser atividades de ocupação dos tempos livres. Assim, “uma boa definição de lazer dever[á] integrar três elementos: um tempo “objectivamente” livre, um tempo que seja “subjectivamente” vivido como tal, actividades que psicologicamente se[jam] percebidas como práticas de lazer” [12: 96]. Apesar do conceito de tempo livre ser importante, a atenção foi focada no conceito de lazer uma vez que, por um lado, existem poucos estudos que se debrucem somente sobre os tempos de lazer juvenis e, por outro lado, pelo facto de se considerar que “é no domínio do lazer que as culturas juvenis adquirem uma maior visibilidade e expressão” [13: 591].

Espaços de lazer construídos ou espaços em construção?

A(s) juventude(s) expressam uma forma própria de vivenciar os diferentes tempos juvenis atribuindo-lhes determinados sentidos. Enquanto o tempo escolar, dominante de muitas vidas juvenis, se apresenta como um lugar de aprendizagens formais regido por horários e obrigações reais e simbólicas legitimadas socialmente, o tempo de lazer surge como um lugar de autonomia, de expressão, descoberta onde as atividades em que os/as jovens se envolvem podem ter fins diversificados (divertir-se, entreter-se, descansar, relaxar). Contudo, apesar de ser um tempo aparentemente oposto ao escolar pode considerar-se um tempo que surge

independentemente deste e de outros tempos (como o familiar)? Quando se fala em tempo escolar este é relacionado de imediato com um determinado cenário: a escola onde “as horas, os horários, os intervalos, ainda que experimentados e vividos subjectivamente corporizam grelhas para todos/as: significáveis e reconhecíveis” [14: 86]. No entanto, a escola enquanto espaço social não poderá ser também um espaço sobre o qual se inscrevem outros tempos que não o tempo escolar (tempo associado por excelência a este espaço educativo)?

Apesar dos quotidianos juvenis serem atravessados pela escola existem outros espaços que estão, igualmente, presentes nesses mesmos quotidianos, mas que apenas parecem poder emergir após o cumprimento das rotinas letivas previstas no espaço escolar. Assim, a escola torna-se um elemento incontornável neste estudo na medida em que é necessário compreender o lugar que ela ocupa na vida dos/as jovens e, quem sabe, enquanto possível cenário de lazer juvenil.

A escola parece impor “arbitrariamente e de forma dissimulada um padrão cultural tido como universal e legítimo” [15: 119], logo, não tem em linha de conta, muitas vezes, os interesses e necessidades diversificadas presentes³. Esta é percebida por alguns/as jovens como um espaço “enfadonho” e como uma obrigação que nada acrescenta [16], sendo o tempo escolar o menos desejado e os “furos” e os intervalos considerados os melhores momentos [15; 17]. A massificação da escola e o aparecimento de “figuras e configurações que pelo seu carácter de *Estranheza* provocaram tensões mesmo no interior da Escola, desafia[ram] o lugar e o estatuto do Mesmo, criando outros *centros* na Escola, marcados estes pelas apropriações subjectivas dos tempos, dos lugares e de si” [14: 13]. Deste modo, o espaço escolar será apenas cenário do tempo escolar ou, pelo contrário, surge como um espaço “mergulhado” por outros tempos, entre eles, o tempo de lazer? E será que estes diferentes espaços e suas práticas se distinguem de forma nítida?

Com a Modernidade, os espaços de existência começaram a “corresponder a tempos diferenciados de vida individual e colectiva. Espartilham-se o tempo e o espaço do trabalho, de foro privado, de convívio, do lazer, da religiosidade e da política” [18: 99]. Inicialmente, a fábrica era o espaço dedicado ao trabalho, a escola era um espaço de educação formal, a casa era um espaço familiar, ou seja, a cada espaço correspondia um determinado tempo. No entanto, de acordo com Pais [19: 402] “as fronteiras delimitadoras do campo de acção dessas instituições [família, escola, fábrica] estão sujeitas a um processo de desmoronamento” sendo difícil distinguir *o dentro e o fora* das instituições. Uma vez que existe um progressivo esbatimento entre os diferentes espaços, pode-se questionar se existem espaços cuja finalidade seja apenas o lazer juvenil e por isso estão dissociados dos outros espaços pelos quais os/as jovens circulam ou, pelo contrário, existem espaços de lazer que os/as próprios/as jovens vão (re)construindo ao longo desses diferentes espaços.

³ “A escola tende a não reconhecer o ‘jovem’ existente no ‘aluno’, muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de género ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta” [16]: 1117].

OPÇÕES METODOLÓGICAS

A compreensão dos sentidos atribuídos aos lazes juvenis foi possível através uma abordagem qualitativa, que se caracterizou pelo uso de estratégias qualitativas de caráter etnográfico e pela proximidade aos participantes. O objetivo era compreender os lazes juvenis através da “perspectiva dos sujeitos” [20: 16]. Assim, “acredita-se que a partir deste paradigma e das opções que no seu interior se tomam se podem recolher, reconhecer e interpretar dados com outra proximidade” [21: 64].

Os sujeitos desta investigação são jovens que frequentam uma Escola Básica 2/3 que se situa no Centro Histórico do Porto, sendo também nesta zona que a maior parte deles/as residem. Apesar de existirem cenários de interação comuns – a escola e o Centro Histórico do Porto – e de pertencerem a classes sociais desfavorecidas, não se pode pensar que os circuitos dos/as jovens e as suas vivências sejam idênticas, pois “consoante os cenários de interação, e dentro destes, consoante as suas regiões, os agentes juvenis actuarão de forma distinta e construirão de maneira plural a sua identidade” [15: 53].

Os sujeitos de investigação é um grupo de jovens, alunos/as de uma escola no Centro Histórico do Porto (5 raparigas e 4 rapazes) e com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos tendo sido a sua “significatividade e singularidade o que determinou a sua condição de sujeito de investigação” [21: 85].

O método etnográfico apresentou-se como o mais adequado pois permitiu o contacto com os sujeitos “respeitando, registando, representando, pelo menos em parte, a irredutibilidade da experiência humana” [22: 211]. Apesar de em algumas investigações etnográficas (senão na maioria) o investigador entrar e movimentar-se num terreno que lhe é estranho e sobre o qual têm pouco conhecimento [23], na presente investigação o terreno e os sujeitos de investigação não são desconhecidos nem estranhos à investigadora, sendo a partir deste contacto que surge o interesse pelas questões da investigação. O método etnográfico torna-se, assim, “especialmente útil para abordar o banal e o familiar, o que se encontra[va] mais próximo, permitindo identificar a diversidade cultural daquilo que aparenta[va] ser tão igual ou comum a ‘nós’” [24: 12].

Na investigação etnográfica, o/a investigador/a assume-se como o principal instrumento de recolha de dados através da “escuta” [25], da interrogação e dos registos terreno [24; 23]. Através da sua presença no terreno, o/a investigador/a tem de ter em linha de conta a “perspectiva dos sujeitos, isto é, [de se] integrar[em] na análise e na interpretação dos dados as explicações que as pessoas dão para os seus actos e comportamentos” [26: 99]. No entanto, esta proximidade do terreno e dos sujeitos de investigação também pode acarretar alguns perigos pois o/a investigador/a pode interferir nos processos sociais que pretende estudar e levar a perda da “objectividade que se exige ao trabalho científico” [2: 49]. Torna-se importante que o/a investigador/a questione sistematicamente a sua presença no terreno e a forma como age e interage com os sujeitos de investigação.

A observação participante, a construção de mapas⁴, as conversas informais e a observação participante foram as estratégias etnográficas de recolha de dados tendo sido importantes para compreender os circuitos juvenis de lazer e os espaços integrantes dos mesmos assim como os sentidos atribuídos pelos/as jovens a estes. Através da observação participante foi possível não só recolher dados pormenorizados mas também obter informações “na própria linguagem dos participantes o que dá acesso aos conceitos que são usados na vida de todos os dias” [27: 80].

Pergunto-lhe se é a *alcunha* dele e o NIZE desata-se a rir. Percebo que disse asneira. “É a minha *Tag*. É NIZE”, responde ele. Nunca tinha ouvido a palavra “tag” relativa ao contexto dos graffitis e fico a perceber que é uma espécie de nome pelo qual os graffitis são conhecidos neste contexto. (NT de 20/4/2009)

Através de mapas que representavam o Centro Histórico do Porto pediu-se aos/as jovens que tracejassem os seus percursos desde o momento que saíam da escola. Esta estratégia revelou-se interessante pois os/as jovens desenhavam os seus percursos, assinalavam os espaços onde estavam e, ao mesmo tempo, atribuíam sentidos aos mesmos.

Os mapas que fiz têm-se revelado num instrumento importante para a investigação (...) Ao tracejarem estes percursos os/as jovens vão referindo cada um dos lugares por onde passam como se estivessem a fazê-lo naquele momento assim como vão dizendo aquilo que fazem nesses lugares/espaços por onde vão passando ao longo das 24 horas do dia. (NT de 19/2/2009)

Fazer o percurso real com os/as jovens pode ser interessante, no entanto, as conversas que temos acabam por ser mais ricas. (NT de 9/3/2009)

As conversas informais realizadas a partir dos mapas permitiu, também, que existisse uma dose de observação ainda que imaginária. Apesar de não ser realizado o percurso real com os/as jovens, é realizado um percurso imaginário que acaba por estar imbuído de sentidos que os/as próprios/as sujeitos de investigação acabam por exprimir. Será que coconstruir mapas de sentidos com os/as jovens não é também uma forma de observação (participante)? No fundo, estes/as apresentam os seus percursos e expressam sentidos num objeto físico que é um mapa e onde se pode visualizar, também, o meio envolvente, em termos geográficos. A investigadora continua a ser o principal instrumento de recolha de dados e a sua observação, em vez de ser nos caminhos reais, incide nos caminhos imaginados e imaginários e geográficos de um mapa que se torna real à medida que os sujeitos constroem os seus circuitos a partir dos espaços por onde circulam. Com os mapas é possível cruzar os circuitos de todos/as jovens, observar as concordâncias e discordâncias dos/as mesmos/as e,

⁴ Através de um mapa que representava geograficamente o Centro Histórico do Porto foi pedido aos/as jovens que desenhassem os seus circuitos, referissem quais os espaços que os integravam e descrevessem o tipo de práticas e atividades em que se envolviam.

posteriormente, perceber os sentidos que estes circuitos têm assim como os diferentes espaços que os integram.

Aquilo que é observado e as conversas com os/as jovens são momentos que vão sendo registados à medida que a investigação decorre. As *notas de terreno* constituem-se, assim, como o principal material empírico da investigação, pois dão conta da entrada no terreno, da evolução da relação com os sujeitos de investigação, das observações e conversas informais. Para além das descrições relacionadas com os espaços e com os/as jovens, as notas de terreno também se transformaram num momento de reflexão acerca das opções metodológicas tomadas e dos sentimentos que acompanham a investigadora [23; 28] sendo, por isso, “um processo de construção de sentido” [29: 26]. A construção das mesmas constitui o “primeiro patamar de selecção, descrição e interpretação dos dados – o primeiro patamar, portanto, da tradução etnográfica” [23: 134]. Este momento acaba por ser fundamental, pois permite analisar, agora de *fora*, aquilo que tem sido visto e ouvido *dentro*, uma vez que existe um maior distanciamento e, conseqüentemente, uma maior capacidade de reflexão acerca das estratégias que se usam e das informações que se recolhem.

As notas de terreno constituem-se no objeto da análise de conteúdo, não sendo este um momento onde se procura apenas decompor, mas constitui também um momento de interpretação e compreensão que contribui para a construção do texto final [14].

CIRCUITOS JUVENIS DE LAZER: ESPAÇOS E TEMPOS

Os circuitos são percursos marcados por práticas, valores, regras, normas e comportamentos, logo, não são circuitos que se limitam ao simples percorrer geográfico devendo-se, assim, observar os espaços “por onde [os/as jovens] circulam, onde estão os seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, e os parceiros com quem estabelecem relações de troca” [30: 177]. É a permanência dos/as jovens no espaço urbano e a relação que estes/as criam entre os diferentes espaços existentes no mesmo que torna possível falar-se em circuitos juvenis.

O espaço escolar, os espaços públicos locais e o espaço doméstico são os espaços referidos pelos/as jovens e que acabam por se integrar nos circuitos juvenis. No entanto, o facto de estes terem sido referidos não significa que sejam reconhecidos enquanto espaços centrais de lazer e de fácil acesso. Deste modo, cada um destes espaços assume um papel diferente no âmbito dos circuitos juvenis de lazer, pois o impacto e importância enquanto espaço de lazer não é a mesma para todos/as.

Espaço e tempo escolar e não escolar: tensões no espaço escolar

O espaço escolar apresenta-se como o ponto de partida dos circuitos juvenis desenhados pelos/as jovens assim como o tempo escolar acaba por ser o principal organizador dos tempos juvenis e, conseqüentemente, do tempo livre e de lazer. Só após os intervalos entre as aulas

é que os/as jovens podem estar informalmente juntos e só quando saem da escola é que podem circular por outros espaços e envolverem-se em diferentes práticas de lazer como jogar futebol ou basketball.

Apesar do tempo escolar ser o principal organizador dos tempos juvenis, da escola ser um espaço dedicado por excelência à educação formal e um espaço onde “se realizaria a igualdade de oportunidades [31: 104], nem sempre este tempo e espaço dedicado aos “saberes formais” são valorizados, como tal, pelos/as jovens.

Segundo o K1,P. ir para escola significa ir para um dia cansativo pois tem de estudar e tem aulas apesar de considerar que se diverte e está com os/as amigos/as. No entanto, quando pensa na escola pensa logo nas obrigações escolares que ela acarreta. (NT de 21/4/2009)

Ir às aulas “é uma seca”, no entanto, estar com os/as amigos acaba por ser divertido, logo, quando os/as jovens referem que não gostam da escola, não se estão a referir à escola enquanto espaço físico mas à escola enquanto espaço de educação formal, onde as aprendizagens e os tempos de aulas são os menos desejados. Assim, os saberes e a escola, enquanto contexto educativo formal, são desvalorizados pelos/as jovens existindo “um amplo consenso ao considerar-se as aulas como o tempo escolar que menos se gosta (...) [e] a preferência por outros tempos, por definição estrita não lectivos (intervalos e especialmente “furos”)” [15: 118].

“Não gosto de vir para a escola!”, exclama. “Então vens para a escola porquê?”, pergunto meia confusa. “Sou obrigada pela minha mãe a vir para aqui, depois posso estar com os meus amigos e lá em baixo não se passa nada!”, responde a Yasmin. (NT de 23/4/2009)

O interesse pela escola está relacionado com os tempos não letivos e através dos quais se podem envolver em diferentes práticas de lazer como estar com os/as amigos/as, conversar, jogar futebol ou apenas vaguear por todo o espaço que integra a escola. São nos “*intervalos do tempo escolar*” que os/as jovens procuram envolver-se em práticas e/ou atividades de lazer que gostam e apreciam, transformando parte do tempo não escolar em tempo de lazer. No entanto, apesar de conviverem e estarem uns/as com os/as outros/as, tanto as raparigas como os rapazes envolvem-se em práticas e atividades de lazer diferenciadas.

Vejo a S., a L. e a R. a passear pelo recreio quando deveriam de estar no grupo de estudo de matemática. “A C. já está a vossa espera há muito”, digo em tom de brincadeira. “Então vai ter muito o que esperar”, responde uma delas. Percebo que não estão com nenhum interesse em deixar aquele sol bonito e aquela oportunidade de andar a passear, ainda que dentro da escola. (NT de 17/2/2009)

Os grupos de amigos/as acabam por ser importantes, principalmente para as raparigas, uma vez que juntas podem partilhar aquilo que pensam, gostam, as suas aspirações e os seus desejos. Andam a passear em grupo pela escola, assim como é em grupo que se juntam quando querem partilhar experiências e confidências acerca daquilo que fazem em espaços exteriores à escola.

Enquanto as raparigas passam muito tempo em grupo a conversar umas com as outras e a circular pela escola, os rapazes dedicam grande parte do seu tempo não escolar na escola a jogar futebol com os amigos e/ou colegas de turma sendo esta uma atividade de que gostam e na qual se envolvem sempre que existe a oportunidade. “Ele responde dizendo que ‘gosto muito de jogar futebol e quando estou a jogar nem parece que estou na escola mas em outro sítio qualquer a jogar. Estou a fazer aquilo que gosto e com os meus amigos’” (NT de 26/2/2009).

Para além de jogar futebol, alguns rapazes também consideram divertido estarem em grupos a conversar e a discutir diversos temas (principalmente futebol) assim como “pregar partidas” aos/as colegas com quem estão durante o dia.

Segundo o Tito “divirto-me mais na escola durante a semana e fora só ao fim-de-semana”. “E o que costumam fazer na escola?”, questiono. Antes de responder sorri e só depois diz “andamos uns/as com os/as outros/as. Fazemos umas asneiras. Divirto-me porque as faço pela calada. Os outros não sabem fazer e são apanhados”, responde orgulhoso (NT de 6/4/2009)

Uma vez que estão com os/as amigos e se envolvem em diferentes práticas e formas de sociabilidade, o espaço escolar e os tempos não escolares são apropriados pelos/as jovens, transformando-se num espaço e num tempo de lazer.

Para além do campo de jogos onde praticam futebol diariamente e dos diferentes espaços de recreio por onde circulam, alguns/as dos/as jovens desta investigação assinalavam os “tanques” – zona em frente à escola, onde se localizam os tanques públicos – como um dos lugares “fora muros” [15] onde gostam de estar.

Apesar se situarem fora da escola, os tanques acabam por ser um prolongamento do espaço da escola pois situam-se mesmo à entrada da escola e muitos/as jovens passam lá grande parte do tempo quando não estão em aulas. A Yasmin é uma dessas jovens, “costumamos estar ali nos tanques uns com os outros. Quem fuma está a fumar e os outros estão na conversa. “No verão é o mais fixe porque está calor e andamos sempre molhados/as. É o nosso sítio, onde nos juntamos todos.”, refere a Yasmin. A expressão “é o nosso sítio” não deixa de ser interessante pois esta jovem e os/as seus/as colegas identificam os tanques como um sítio, um lugar, que é deles e no qual se sentem bem e se divertem. (NT de 23/4/2009)

Os tanques são apenas lugares onde podem estar quando não têm aulas, ou seja, no tempo não escolar. No entanto, os/as jovens só estão nos tanques quando vêm para a escola pois, caso contrário, estariam em outros espaços pelos quais circulam quando não têm de se

dirigir para o espaço escolar. Assim, os tanques tornam-se um espaço juvenil ocupado pelos/as jovens no tempo não escolar – antes, nos intervalos e depois do tempo escolar.

Espaços de lazer juvenil nos espaços públicos locais

Após a saída do espaço escolar, os circuitos juvenis tomam diferentes rumos podendo estes, ou não, se prolongar pelos diferentes espaços públicos locais. A rua, as associações locais, os bares e as discotecas foram alguns dos espaços referidos pelos/as jovens. No entanto, como já se referiu, estes não integram todos os circuitos nem são experienciados da mesma forma por todos/as jovens.

A rua

A rua não surge apenas como uma “via dentro de uma povoação”⁵ mas como um “espaço aberto, um espaço de vida e de interações, polifuncional e de utilização múltipla e diferenciada” [31: 86]. É ao longo do espaço da(s) rua(s) que os/as jovens *constroem espaços de lazer* marcados por práticas e sociabilidades juvenis heterogéneas; que os/as jovens se envolvem em *circuitos de lazer “andantes”* e que alguns/as jovens deixam “*marcas*” dos seus *tempos de lazer*.

Ao longo do espaço “rua” são construídos espaços de lazer juvenis específicos que resultam da apropriação dos espaços físicos pelos/as jovens que os transformam “em espaços sociais através da produção de estruturas particulares de significados” [4: 96]. A praça da Cordoaria, a praça da Ribeira e a zona de Miragaia são alguns dos lugares físicos apropriados pelos/as jovens e nos quais estes/as desenvolvem determinadas práticas e sociabilidades juvenis.

Quando passo pela Cordoaria encontro alguns jovens lá da escola a jogar futebol uns com os outros. (NT de 18/2/2009)

A praça da Ribeira costuma a ser um espaço para ela mostrar, em conjunto com as colegas, os seus dotes de bailarina enquanto ensaiam algumas danças. Outras vezes organizam pequenas festas ou participam em algumas onde dançam para quem passa na rua. (NT de 19/2/2009)

“Outras vezes jogamos futebol, mais ali na praça da Ribeira”, responde ele. (NT de 6/4/2009)

“E o que costumava a fazer quando não estás na escola?”, questiono. “Costumo ir até aqui (aponta no mapa) jogar basket com os meus colegas. Tem lá uma tabela ao ar livre e costumamos jogar quando não temos mais nada para fazer”, responde. Esta tabela fica perto da Rua da Reboleira e da Rua da Alfândega (Miragaia) e, segundo o Nadinho, costuma ir para lá quer de dia quer de noite. (NT de 20/2/2009)

⁵ De acordo com o dicionário de língua portuguesa.

Apesar destes espaços se situarem no Centro Histórico do Porto cada um deles é frequentado por diferentes grupos de jovens que os transformam em espaço juvenis próprios e nos quais se envolvem em determinadas práticas de lazer e sociabilidades juvenis apesar de existirem algumas que são comuns (estar com os/as amigos/as, curtir, beber, entre outras).

Cada um destes espaços confere não só identidade, mas também segurança aos grupos juvenis uma vez que os/as jovens conhecem as dinâmicas locais existindo um grau de familiaridade que os/as leva a considerar esses espaços seguros em detrimento de outros. “Mas não é perigoso estar na Ribeira à noite? Eu se aparecesse lá a essa hora corria riscos, não?”, pergunto eu (...) “Não é perigoso, costumam estar abertos cafés e restaurantes até tarde. Nunca tivemos problemas”. (NT de 4/2/2009)

Os circuitos que os/as jovens realizam entre determinados espaços não se resumem ao simples percorrer geograficamente um determinado percurso em direção a um determinado espaço que pode, ou não, ser de lazer. Através dos circuitos tracejados pelos/as jovens e das subjetividades produzidas em relação aos mesmos podem-se identificar *circuitos “andantes” de lazer* entre escola-casa, casa-escola.

Foi interessante ver a forma como eles fizeram este percurso que apesar de curto deu para eles/as conversarem, discutirem, rirem e brincarem uns/as com os/as outros/as. Apesar de ser um percurso traçado e percorrido todos os dias, não é um percurso sem vida mas com vida, uma vez que está preenchido por um conjunto de práticas próprias da juventude: conversar, rir, brincar, gozar, etc. (NT de 10/2/2009)

Enquanto alguns/as jovens têm uma maior liberdade para circularem por diferentes espaços podendo esses percursos geográficos serem, ou não, marcados por práticas de lazer, outras jovens, principalmente, atribuem uma grande importância aos percursos que realizam na rua uma vez que veem nestes, também, uma oportunidade de liberdade e divertimento num espaço – a rua – cujo acesso não é autorizado mas controlado e, em alguns casos, vedado.

Subimos lentamente a Calçada das Virtudes. Sempre que faço este caminho fico cansada, por isso, pergunto à Maia se não se cansa. Ela responde prontamente que não e se pudesse fazia-o mais vezes por dia. Percebo o que ela quer dizer: se o fizesse mais vezes significava que tinha mais liberdade e podia andar por ali sempre que quisesse. (NT de 13/2/2009)

Para além de espaços construídos de lazer e dos circuitos “andantes” de lazer, também é possível identificar *“marcas de tempos de lazer”* deixadas pelos jovens *graffiters*. Os circuitos juvenis dos jovens *graffiters* acabam por ser os que estão menos definidos ao nível geográfico, pois entre a saída da escola e a chegada a casa o seu circuito é marcado por diferentes percursos. No circuito juvenil do jovem *graffiter* não existe um circuito de lazer definido nem espaços de lazer identificáveis. Os *graffitis* acabam por ser “as marcas” de um

tempo de lazer em que os/as jovens aproveitam um tempo e um lugar para fazer algo que gostam e admiram.

Pergunto se costumam a fazer os graffitis na cidade do Porto e ele diz que não. Costuma ir para Gondomar, Gaia e até Faro. (...) É impressionante a forma como o NIZE fala deste mundo. O modo como se entusiasma a falar acerca daquilo que realmente gosta. (NT de 12/2/2009)

Apesar de se deslocarem para determinados lugares tidos “como bons” para “elaborar”, não se pode identificar espaços específicos de lazer, mas espaços pontuais onde os jovens deixam uma “marca” que, por sua vez, foi produzida num tempo de lazer. Os desenhos acabam por se prolongar em diferentes lugares – como os muros e os meios de transporte – que conferem visibilidade pública aos graffitis [31: 207] sendo, também, uma marca visível do tempo de lazer.

Bares e discotecas

Os bares e as discotecas são espaços que ganham vida com o surgir da noite, tornando-se espaços noturnos atrativos que propiciam divertimento e convívio, sendo as sociabilidades juvenis marcadas pela música, pela dança, pelas “curtes”, entre outras práticas.

Apesar dos circuitos masculinos serem menos controlados e imbuídos de liberdade, os bares e as discotecas não são valorizados pelos rapazes com quem estivemos e falamos no âmbito da investigação.

No entanto, não costuma ir muitas vezes para discotecas porque os amigos não gostam muito e outros não podem. Por isso acabam por ficar, na maior parte das vezes, por Miragaia a conversar, a jogar, a beber, entre outras coisas. (NT de 20/2/2009)

Por sua vez, algumas raparigas referem que costumam ir para discotecas e bares, principalmente, ao fim de semana, quer com amigas quer com as primas ou irmãs mais velhas. Apesar de terem circuitos mais controlados e imbuídos de menor liberdade, a ida para estes espaços só se torna possível devido às estratégias que as raparigas adotam. Por um lado, aproveitam-se do facto de terem irmãs mais velhas que têm já uma rede própria de amigos/as que valorizam esses espaços.

“É O Duque. (...) “As vezes costumamos ir lá ao fim-de-semana. Ficamos até tarde e quando chegamos a Vila d’Este é quase de manhã!”, diz ela. “A Vila d’Este? Vais para casa de alguma tua irmã que mora lá?”, questiono. “Sim, vou para casa dela”, diz ela apontando para a sobrinha. (NT de 17/2/2009)

Por outro lado, apresentam a “desculpa” de que vão dormir a casa das amigas e/ou da prima, tendo, assim, autorização para sair de casa à noite e irem, ainda que clandestinamente, para este tipo de espaços noturnos.

A Nenê diz que costuma ir para um bar que fica ali perto, o “Ice karaoke” que é um bar de karaoke (...) Dormir em casa da prima acaba por ser a desculpa para estar fora de casa e poder sair a noite sem o pai saber. (NT de 16/4/2009)

Ir para outras zonas exteriores ao Centro Histórico do Porto é outra das estratégias adotadas pelas raparigas, estando relacionada com a fuga ao controlo dos irmãos mais velhos e das pessoas que as conhecem para, assim, se divertirem livremente e sem constrangimentos.

“Então como gostas de dançar vais para sítios para dançar e te divertires?”, desafio (...)A Yasmin diz que costuma ir com as irmãs e algumas amigas para Oliveira do Douro para o Karaoke (...) Lá ninguém me conhece. Posso dançar e beber à vontade que ninguém aqui vai saber”, ri-se um pouco e continua (...). (NT de 19/2/2009)

Associações locais: ludoteca e equipas desportivas

A ludoteca e as equipas de futebol e basquetebol são espaços de lazer que fazem parte de alguns dos circuitos juvenis tracejados pelos/as jovens que participaram nesta investigação. Assim, participar nas dinâmicas da ludoteca e jogar numa equipa de futebol/basquetebol são atividades em que os rapazes e as raparigas se envolvem nos seus tempos livres.

Fico surpreendida porque já não é a primeira jovem que refere que vai à ludoteca quando sai da escola (...) Já outras jovens referiram que costumam ir para a ludoteca e que costumam dançar e cantar para as crianças mais novas que lá estão pois elas também já foram crianças e já lá andaram. (NT de 19/2/2009)

As jovens que referem ir à ludoteca são aquelas que a frequentaram quando ainda eram crianças, conhecendo bem o local e a animadora que lá está desde essa altura. Para além de se divertirem e conviverem umas com as outras, a ludoteca também é uma forma de participação social voluntária uma vez que se envolvem e colaboram em atividades de lazer orientadas para as crianças.

Para além de jogarem na rua, alguns jovens também jogam futebol/basquetebol desde pequenos em equipas na zona onde moram ou perto. Tanto os jovens que referem jogar futebol como aqueles que jogam basquetebol fazem-no, porque gostam, pois não esperam ser jogadores profissionais e jogarem em grandes equipas.

Pergunto-lhe se joga basket em alguma equipa na zona do porto. O Nadinho diz que joga no Vasco da Gama, na zona da Batalha, e treina as terças, quintas e sextas de todas semanas. Diz que gosta bastante de jogar basket e é por isso que o faz, pois não espera ser jogador profissional de basket e que joga apenas para se divertir. Segundo ele, se estivesse na América pensaria mais em ser jogador profissional uma vez que lá existem mais oportunidades do que em Portugal. (NT de 20/2/2009)

Pergunto-lhe se joga futebol em algum clube em específico pois já o vi também a jogar futebol lá na escola. “Jogo no Candal, mas sempre que posso jogo com os meus colegas na Ribeira”, responde o Tito (...) Costuma a fazer isto mais ao fim-de-semana. (NT de 6/3/2009)

Espaço doméstico: entre tempos familiares e tempos de lazer

Enquanto para uns/as jovens a casa é mais um lugar de passagem que procuram aproveitar da melhor forma, para outros/as a casa não é só um lugar de passagem, mas um espaço no qual têm de estar quando não estão na escola e onde têm de cumprir um conjunto de tarefas familiares. O espaço doméstico não surge apenas como um espaço de habitação, mas também é um dos espaços integrados nos circuitos juvenis e aos quais os/as jovens atribuem sentidos e vivências que ajudam a compreender como este espaço é vivido e experienciado, enquanto espaço de lazer. Apesar de ser um espaço comum a todos os circuitos juvenis, o tempo que permanecem neste lugar, assim como as vivências e as experiências juvenis, principalmente as de lazer, são condicionadas por aquilo que os/as jovens têm de realizar neste espaço e o tempo que essas tarefas demoram. Assim, enquanto uns/as jovens estão mais tempo em casa e têm esse tempo ocupado por tarefas domésticas diversas, sobrando-lhes algum tempo para se dedicar àquilo que gostam; outros/as jovens estão menos tempo em casa e ocupam esse tempo da forma que mais gostam, envolvendo-se em atividades diversas e prazenteiras.

Quando está em casa faz as tarefas domésticas, cuida da beleza dela todos os dias e diverte-se com a irmã no quarto cantando uma para a outra, fazendo penteados e maquilhagens, vendo televisão e jogando computador. Noto que ela fala com carinho da irmã e desses momentos que passa com ela pois acaba por passar bastante tempo com ela e partilhar muitos momentos. (NT de 11/2/2009)

Tanto as raparigas que têm os circuitos mais controlados como as que têm circuitos menos controlados acabam por ser envolvidas nas mesmas atividades e práticas de lazer quando estão em casa. No entanto, o tempo que se dedica àquelas acaba por ser maior ou menor de acordo com o papel que ocupam enquanto raparigas no espaço doméstico, ou seja, o papel que têm na execução das tarefas domésticas, assim como o tempo que estão envolvidas nestas.

Às vezes chego a casa e ainda estão as camas por fazer. Tenho de ser eu a fazer tudo: o jantar, a dar ao ferro, a arrumar a casa e tomar conta da minha irmã. Sobre tudo para mim e começo a ficar cansada disso” (NT de 16/4/2009)

Estar em casa, tomar conta dos irmãos/irmãs e realizar as tarefas domésticas são algumas das prioridades de algumas raparigas que continuam a ser “alvo de um controlo mais

apertado, através de processos de socialização mais estritos, frequentes vezes, com quem se conta como um recurso para as actividades domésticas” [33: 11]. Estas actividades/tarefas alongam o tempo não disponível das raparigas, ao mesmo tempo que lhes diminuem o tempo livre e de lazer.

As raparigas que têm circuitos juvenis sujeitos a um menor controlo familiar acabam por ter a possibilidade de circular por outros espaços, logo, espaços como o familiar e o escolar acabam por assumir um papel secundário enquanto espaço de lazer. Assim, grande parte do tempo que estão em casa é ocupado com a internet, com a playstation, a ouvir música.

Mal chego a cada vou para o pc ou então para PSP. (NT de 10/2/2009)

Também gosta de ouvir música. Pedi-lhe que me dissesse que tipo de música gosta de ouvir e ela enumerou-me logo um conjunto de cantores: Gian e Giovani, Banda Calipso, Chitãozinho Chroró, Calcinha Preta, Alexandre Pires. (NT de 15/4/2009)

Ser rapaz acaba por significar uma menor implicação com o espaço doméstico e, conseqüentemente, com as tarefas domésticas. Assim, para além de poderem circular livremente pelos espaços públicos locais, sendo estes espaços autorizados, também as suas vivências e experiências no espaço doméstico estão libertas de qualquer tipo de constrangimentos.

Aproveito o facto de o Tito estar a falar destas visitas e direcciono a conversa para a sua colaboração nas tarefas familiares. Noto logo na sua cara que não existe colaboração nenhuma da sua parte em casa. (NT de 6/3/2009)

Percebi que o K1P gosta de estar em casa e passa muito neste espaço quer a divertir-se a jogar quer a ver televisão. (NT de 26/2/2009)

Jogar *playstation*, ver televisão e ir a internet é aquilo que fazem quando estão neste espaço. Apesar de estas opções coincidirem com as referidas por algumas raparigas o conteúdo das mesmas é diferente. Enquanto os rapazes gostam de jogar jogos on-line, as raparigas gostam de navegar pelo Hi5 onde podem ver os/as amigos/as e conhecer novas pessoas. O mesmo se sucede em relação à televisão onde os rapazes gostam de fazer “zapping” pelos canais relacionados com o desporto. “Ele ri-se e conta que costuma jogar computador e gosta bastante de ver televisão principalmente jogos de futebol, partidas de snooker e ténis de mês. Percebo que fala com algum entusiasmo acerca do ténis de mesa” (26/2/2009).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço escolar, os espaços públicos locais e o espaço doméstico são aqueles que se evidenciaram no âmbito dos circuitos juvenis e através da circulação dos/as jovens pelos mesmos foi possível encontrar circuitos juvenis de lazer. No entanto, cada um destes espaços surge de forma diferente no âmbito de cada um dos circuitos assim como os sentidos atribuídos aos mesmos são diferentes de acordo com o estatuto que cada um ocupa enquanto espaço de lazer. Enquanto que *o espaço escolar* é para alguns/as jovens um espaço central de lazer, liberto do controlo e das tarefas domésticos que lhes condicionam o acesso a outros espaços, *os espaços públicos locais* são espaços centrais de lazer para algumas raparigas e para alguns rapazes que acabam por estar sujeitos a menores relações controlo. Por sua vez, *o espaço doméstico* acaba por assumir um papel periférico enquanto espaço de lazer quer no âmbito dos circuitos mais controlados, quer dos menos controlados ou, ainda, dos circuitos imbuídos de liberdade. Neste espaço existe maior ou menor liberdade de acordo com as tarefas que/as jovens têm de desempenhar, logo, enquanto uns/as têm menos tempo para se envolver em atividades de lazer devido as responsabilidades familiares que têm, outros/as ocupam o tempo que no espaço doméstico com atividades que gostam.

As diferenças de género são questões transversais a toda a investigação uma vez que são aquelas que mais influenciam os significados que cada um/a dos/as jovens atribui a cada um destes espaços e, conseqüentemente, aos circuitos juvenis de lazer. Através dos circuitos tracejados depreende-se que algumas das “raparigas continuam a ter vidas mais circunscritas, por questões de moralidade e reputação, estão mais envolvidas nas tarefas domésticas, experienciam maiores constrangimentos” [31: 20]. Embora o tempo escolar seja o principal organizador dos tempos juvenis, o tempo familiar também acaba por ser outro dos tempos que influencia os circuitos juvenis femininos. Algumas das raparigas têm circuitos restritos, que se resumem ao eixo casa-escola, sendo estes marcados por atividades domésticas diversas que acabam por lhes permitir, apenas, o envolvimento em algumas atividades e práticas de lazer nos espaços onde se inserem diariamente (escola, casa e espaços de transição entre a escola e a casa). Por sua vez, outras raparigas apresentam circuitos imbuídos de uma maior liberdade uma vez que podem circular por diferentes espaços assim como não lhes são atribuídas tantas tarefas como acontece com outras. No entanto, o facto de terem mais liberdade e os seus circuitos juvenis de lazer integrarem diferentes espaços, estes não estão totalmente imunes ao controlo, nomeadamente familiar. Pai, mãe e/ou irmãos são algumas das “figuras”, referidas pelas raparigas, que controlam os circuitos femininos. Contudo, perante este controle, as raparigas recorrem a estratégias diversas para “fintar” as normas, regras e restrições impostas (dormir em casa das primas/amigas; ir para zonas por onde não circulem os irmãos, etc). Apesar destas raparigas serem provenientes dos mesmos meios familiares e sociais que os rapazes, continua a “notar[-se] como as fronteiras de género continuam a determinar diferenças assinaláveis nos quotidianos juvenis, nos universos simbólicos que atribuem significados a essas vivências, nas experiências (...)” [2: 87]. Os circuitos de lazer dos rapazes acabam por ser menos condicionados e imbuídos de uma maior

liberdade, logo, “as raparigas acabam por ser muito mais penalizadas por motivos que dizem respeito ao assegurar de cuidados, o que lhes dificulta a experimentação de projectos individuais” [21: 315] e, neste caso específico, de lazer.

REFERÊNCIAS

- [1] HENDRY, Leo B.; SHUCKSMITH; Love, John G. e GLENDINNING; Anthony (1996) *Young people's leisure and lifestyles*. London: Routledge.
- [2] ABRANTES, Pedro (2003) *Os Sentidos da Escola*. Oeiras: Celta Editora.
- [3] ROBERTS, Kenneth e PARSELL, Glennys (1990) “Culturas da juventude, transformação social, e transição para a vida adulta na Grã-Bretanha”, *Análise social*, XXV, (105-106), 67, 197.
- [4] PAIS, José Machado (1996) *Culturas Juvenis*. Lisboa: Casa da Moeda.
- [5] SUE, Roger (1995) *Temps et ordre social*. Press Universitaire de France.
- [6] GIDDENS, Anthony (1996) *As consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora.
- [7] AQUINO, Cássio Adriano Braz e MARTINS, José Clerton de Oliveira (2007) “Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho”, *Revista Mal-Estar e Subjectividade*, Vol. VII – Nº 2, 470-500.
- [8] PEÑALBA, Josué Llull (1999) Teoria e prática da la educación en el tiempo libre.
- [9] AMARAL, Paulo (2007) “Práticas de lazer e estilos de vida. Estudo da população jovem estudantil do distrito de Coimbra, in Rui Machado Gomes (org.) *Olhares sobre o lazer*. Coimbra: Centro de Estudos Biocinéticos.
- [10] PEREIRA, Eduardo Borges (2007) “O desporto nas práticas de lazer dos jovens no concelho de Palmela”, in Rui Machado Gomes (org) *Olhares sobre o lazer*. Coimbra: Centro de Estudos Biocinéticos.
- [11] DUMAZEDIER, Joffre (1974) *Sociologia Empírica do Lazer*. Éditions du Seuil.
- [12] SUE, Roger (1982) *Vers un société du temps libéré?*. Paris: PUF.
- [13] PAIS, José Machado (1990) “Lazeres e sociabilidades juvenis – um ensaio de análise etnográfica”, *Análise Social*, XXV (108-109), 591-644.
- [14] SILVA, Sofia Marques (2004) Figuras e Configurações da estranheza na escola. Uma etnografia sobre as estratégias e os compromissos de jovens entre grandezas em conflito. Tese de mestrado, Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- [15] LOPES, João Teixeira (1997). Tristes escola: práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano. Porto: Edições Afrontamento.
- [16] DAYRELL, Juarez (2007) “A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil”, *Educação, Sociedade, Campinas*, vol. 28, nº 100, 1105-1128. <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>.
- [17] SANTOS, [Maria Cecília Pereira dos](#) (2007) *A escola não tem nada a ver : a construção de experiência social e escolar dos jovens do ensino secundário: um estudo sociológico a partir de grupos de discussão*. <http://hdl.handle.net/1822/6726>

- [18] FERNANDES, António Teixeira (1992) “Espaço social e suas representações”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, I Série, Vol. II., 61-99.
- [19] PAIS, José Machado (2001) *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro*. Lisboa: Ambar.
- [20] BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari (1994) *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- [21] SILVA, Sofia Marques (2008) *Exuberâncias e (Trans)Figurações de Si numa casa da Juventude. Etnografia de Fragilidades e de Estratégias Juvenis para o reconhecimento e para a dignidade*. Tese de Doutoramento, Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- [22] WILLIS, Paul e TRONDMAN, Mats (2008) “Manifesto pela Etnografia”, *Revista Educação, Sociedade e Culturas*, 27, 211-221.
- [23] NEVES, Tiago (2008) *Entre o Educativo e o penitenciário. Etnografia de um centro de internamento de menores delinquentes*. Porto: Edições Afrontamento.
- [24] CARIA, Telmo (2002) “A construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais: Reflexividade e fronteiras”, in Telmo Caria (org) *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, 9-20.
- [25] BERGER, Guy (1992) “A investigação em educação: modelos sócio-epistemológicos e inserção institucional”, *Revista de Psicologia e de Ciências da Educação*, 3/4, 23-36.
- [26] RIBEIRO, Manuela (2002) “E como é que, realmente, se chega às pessoas? Considerações introdutórias sobre as notas e o trabalho de campo como processo social”, in Telmo Caria (org) *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- [27] BURGESS, Robert G. (1997) *A pesquisa de terreno*. Oeiras: Celta Editora.
- [28] SILVA, Sofia Marques (2008) “Estratégias juvenis para “fintar” as fragilidades. A construção da pertença a uma casa de juventude no Norte de Portugal”, *Revista Educação, Sociedade e Culturas*, 27, 27-51.
- [29] FERNANDES, Luís (2002) “Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: as facetas da escrita etnográfica”, in Telmo Caria (org) *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- [30] MAGNANI, José Guilherme Cantor (2005) “Os circuitos dos jovens urbanos”, *Tempo Social, Revista de Sociologia*, Vol. 17, 2, <http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a08v17n2.pdf>
- [31] FONSECA, Laura Pereira (2001) *Culturas juvenis, percursos femininos: experiências e subjectividades na Educação*. Oeiras: Celta Editora.
- [32] MARQUES, Filomena; ALMEIDA, Rosa e ANTUNES, Pedro (1999) “Traços Falantes (A cultura dos jovens graffitters)”, in José Machado Pais (coord.) *Traços e Riscos de Vida. Uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- [33] ARAÚJO, Helena Costa e WILLIS, Paul (2008) “Jovens, percursos e transições em instituições e comunidades educativas. Uma revisitação na Grã-Bretanha e em Portugal”. *Revista Educação, Sociedade e Culturas*, 27, 7-15.